

APRESENTAÇÃO

No começo da segunda década do presente século, diante do cenário de devastação ecológica que caracteriza o estado do planeta, não temos qualquer dúvida acerca da relevância que assumem as questões ambientais para os estudos literários. Ativistas, cientistas, antropólogos, geógrafos, sociólogos, historiadores, filósofos e críticos literários e culturais têm recorrentemente alertado que as narrativas da “modernidade” e as ideias e crenças que determinam a relação que mantemos com o meio ambiente são como a história do rei que vai nu. O que está em risco, na era das mudanças climáticas, dizem-nos, não é apenas a reprodutibilidade dos biomas terrestres, mas a própria possibilidade de sobrevivência humana na superfície planetária.

Não sendo claro que haja uma solução ou um conjunto de soluções disponível, qualquer eventual solução dos atuais dilemas ambientais passará inevitavelmente por compreender melhor a complexa interação simbiótica que mantemos com as formas que conosco compartilham a biosfera – não apenas as formas de vida humana e não-humana, mas também os seres e as dinâmicas que não descrevemos como “vida”, de que são exemplos os vírus, as rochas, a água, a luz e o ar. O papel das humanidades está justamente em fazer perguntas a que os cientistas ainda não tentaram responder, sobretudo acerca das dimensões estéticas, éticas e políticas que qualquer discussão sobre a crítica ambiental envolve.

Neste ano em que tantas das nossas rotinas foram violentamente afetadas pelo medo, pela dúvida, pelo desespero, pelo ceticismo provocados pela pandemia de covid-19, e também pela compaixão e solidariedade que emergiram no esforço coletivo de enfrentamento do vírus, nada mais oportuno do que contribuir para o desafio comum de promover um futuro ambientalmente melhor. Este número 51 da *Itinerários* posiciona-se justamente sob o signo das humanidades ambientais. O dossiê “Sob o ponto de vista da floresta” reúne ensaios que, de modos muito diferenciados, põem no centro das suas linhas de reflexão crítica, literária e cultural as relações entre a literatura e a floresta e, mais latamente, entre o meio ambiente e a crítica cultural.

Nesta nossa época de irrestrito triunfo tecno-digital e em que a emergência climática se tornou uma realidade inegável, intensificam-se cada vez mais as preocupações com os biomas florestais, ameaçados por interesses vários. A tal ponto que um dos assuntos atualmente mais discutidos à escala planetária é precisamente a defesa de uma das mais vastas massas florestais da Terra – a Floresta Amazônica. Mas a floresta não se restringe, evidentemente, à sua dimensão exclusivamente ambiental e biológica, muito embora esta se afigure crucial, nomeadamente à luz

das recentes e espetaculares descobertas sobre as dinâmicas de interação entre as plantas, que põem em evidência os sofisticados códigos com que estabelecem comunicação entre si.

Como nos mostra Richard Pogue Harrison em *Forests: The Shadow of Civilization*, a floresta, enquanto símbolo paradigmático da “alteridade”, tem sido ao longo dos séculos o espaço-chave de um imaginário extraordinário. Se os romanos receavam a floresta, por nela temerem emboscadas, a verdade é que no período medieval a floresta foi alvo de diversas medidas protecionistas (pense-se na plantação do pinhal de Leiria por ordem do rei D. Dinis, em Portugal) e tornou-se um lugar, por excelência, literário. Que seria do indianismo romântico de Gonçalves Dias e de José de Alencar sem o apelo elegíaco da natureza primeva e agreste e sem as tradições ancestrais ameríndias, tão poderosamente evocadas pelas paisagens físicas e afetivas das florestas brasileiras? E como não reconhecer o impacto do imaginário florestal, enraizado na experiência cotidiana, nas experiências modernistas de Mário e Oswald de Andrade, de Raul Bopp? E agora, em pleno século XXI, dominado cada vez mais pela Razão tecnológica, a floresta converteu-se no lugar de todas as preocupações. Dir-se-ia o último ponto de abrigo capaz de nos salvar de uma catástrofe com proporções cataclísmicas.

A floresta, numa palavra, adquire o valor de santuário. Um santuário frágil e à mercê da expansão radical da crise ecológica. O Brasil, tanto pela sua exuberante biodiversidade e extensão territorial quanto pela desastrosa política ambiental, ocupa uma posição central no debate público internacional. Os impactos ambientais resultantes dos incentivos ao desflorestamento e da repressão de povos indígenas, em favor da exploração agropecuária e mineração, têm chamado cada vez mais a atenção para a urgência de uma democracia ecológica que contemple seres não-humanos, que desconstrua categorias e hierarquias que tomamos como fundacionais e que diligencie noções expansivas de coexistência e solidariedade.

Uma reflexão sobre as paisagens devastadas que habitamos requer por isso uma reflexão concertada sobre modelos de desenvolvimento e padrões de consumo alternativos, sobre dinâmicas predatórias de ocupação territorial e sobre formas de existência interdependentes. Em suma, hoje, quando pesadas ameaças pairam sobre os espaços florestais, pondo em perigo os seus ecossistemas e os seus habitantes, sejam eles formas de vida humana ou não-humana, torna-se, mais do que nunca, necessário repensar a floresta sob múltiplos e inovadores pontos de vista. Recorrendo a uma ampla gama de florestas e de fenômenos culturais, os artigos incluídos no dossiê exploram diferentes facetas deste tópico em contexto luso-afro-brasileiro.

Abrindo o dossiê, Victor André Pinheiro Cantuário, doutorando da Universidade Estadual Paulista, examina a poesia de Manoel de Barros à luz do conceito de ecopoesia em “Manoel de Barros, ecopoeta por natureza”. De acordo com o autor, os versos do poeta pantaneiro revelam o seu comprometimento com a paisagem do Pantanal e o predomínio de um olhar intersubjetivo, expressos por

meio de uma atitude ecocêntrica, pela consciência da interconexão com tudo o que o rodeia e pela destabilização dos limites entre a natureza e a cultura, numa poesia que enuncia a importância de “estar nas coisas do mundo, fazer parte delas, ser com elas e com elas se comunicar”.

Em “A Aldeia Maraka’Nà, uma pluridiversidade indígena no centro urbano: a resistência das cosmogonias da floresta”, Renata Daflon Leite, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dá destaque à aldeia Maraka’Nà, uma aldeia indígena urbana edificada no prédio do antigo Museu do Índio, no bairro do Maracanã, no Rio de Janeiro. Descrevendo-a enquanto “dispositivo de subjetivação e de produção de singularidades indígenas baseado na composição de um coletivo pluriétnico e multicultural”, a autora discute a importância de uma produção multicultural baseada em “poéticas da diferença e práticas ecosófica de sociabilidade” que promova uma experiência ecocêntrica da paisagem que nos ajude a enfrentar a crise climática, social e ambiental que atravessamos.

Recorrendo a autores como Michel Serres, Felix Guattari e Richard Heinberg, Márcio Matiassi Cantarin, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em “Ser (com) a floresta: Mia Couto e a construção de um mito de simbiose”, argumenta que a poética de Mia Couto contribui para estabelecer os termos de um novo pacto entre os seres humanos e a natureza por meio da criação de novos mitos. Analisando a realidade simbólica expressa em “O cachimbo de Felizbento”, “O embondeiro que sonhava pássaros” e “O adeus da sombra”, entre outras narrativas, Cantarin sublinha que Couto esbate a fronteira entre o humano e o não-humano e figura através das árvores a importância de um conceito alargado de solidariedade.

Aludindo, no título, a um conhecido verso de Alberto Caiero, em “Decolonialidade da natureza: para um olhar nítido como um girassol”, Angela Maria Guida e Gleidson André Pereira de Melo, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, voltam-se também para Mia Couto. O estudo, neste caso, incide sobre o conto “A princesa russa”, inserto em *Cada homem é uma raça* e examina o modo como este conto tematiza o racismo ambiental.

Os dois ensaios que seguem examinam questões compositivas e estéticas em terrenos poéticos. Em “As folhas mortas de Jaime Rocha: uma floresta poética em de-composição”, Daniel de Oliveira Gomes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, discute a temática das “folhas mortas” na poesia de Jaime Rocha. As árvores evocadas neste artigo, mais do que elementos factuais da realidade, constituem uma metáfora para um processo compositivo baseado na noção de ruína.

Em “FACES do Aetna: magister, ensinamento e discipulus”, Matheus Trevizam, da Universidade Federal de Minas Gerais, oferece uma leitura do poema didático *Etna*, de autor latino desconhecido, que a crítica tem apontado como o único texto sistematicamente dedicado à vulcanologia que a Antiguidade nos legou. Comparando *Etna* com poemas didáticos correlatos, como *Os trabalhos e os dias* hesiódicos, as *Geórgicas* de Virgílio, Trevizam destaca vários elementos que

contribuem para a originalidade deste poema, quer pela peculiaridade do conteúdo do ensinamento, quer pela configuração da figura do mestre e do discípulo.

À luz das recentes tragédias ambientais em Mariana e Brumadinho, o ensaio de Alexandre José Amaro e Castro, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, intitulado “A pedra de ferro e o riachinho: natureza e devastação em Drummond e Guimarães Rosa”, aborda a relação entre o homem e a natureza nas obras de Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa. Enquanto a obra de Drummond apresenta uma postura mais militante, Guimarães Rosa opta por uma ação mais simbólica. Este ensaio argumenta a releitura de poemas como “Canto mineral”, do poeta de Itabira, e narrativas como “Uma estória de amor”, de Guimarães Rosa, abrindo espaço para uma reflexão urgente sobre a política ambiental brasileira atualmente promovida pelo Estado brasileiro.

O tema central de “Where the magic things are: forests in fantasy literature” é a relação entre a magia e florestas na literatura fantástica contemporânea. Discutindo trabalhos de J. R. R. Tolkien, Peter Beagle, Ursula K. Le Guin, George Martin e Patrick Rothfuss, Giovanna Chinellato, doutoranda da Universidade de São Paulo, prolonga o argumento de Tolkien sobre a função regeneradora da fantasia para evidenciar que essas florestas fantásticas podem contribuir para o desenvolvimento de uma nova consciência ambiental.

Em “Peri em Brocéliande: o deserto-floresta em *O Guarani*, de José de Alencar”, Marcos Flamínio Peres, da Universidade de São Paulo, investiga o modo como o topos romântico da floresta se vincula com a configuração do caráter de Peri, herói de uma das obras mais emblemáticas do Romantismo brasileiro: *O Guarani*.

O dossiê encerra com “Histórias Sem Fim: Perspectivismo e Forma Narrativa na Literatura Indígena da Amazônia”, de Lúcia Sá, da Universidade de Manchester (Reino Unido) e autora de *Rain Forest Literatures: Amazonian Texts and Latin American Culture* (University of Minnesota Press, 2004), também disponível em edição brasileira, com prefácio de Sérgio Medeiros (*Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*, Editora da UERJ, 2012), e de *Life in the megalopolis: Mexico City and São Paulo* (Routledge, 2007). Originalmente publicado em inglês, este ensaio defende a hipótese de que a teoria do perspectivismo ameríndio formulada por Eduardo Viveiros de Castro contribui para explicar alguns dos aspectos formais mais peculiares das narrativas indígenas da Amazônia. Argumentando que a “epifania perspectivista” é um procedimento narrativo reconhecível em dezenas de histórias indígenas da Amazônia e das terras baixas da América do Sul, Lúcia Sá evidencia a conexão entre os conceitos de Viveiros de Castro e as narrativas que o inspiraram. Com tradução de Pedro Craveiro, da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, fica agora este importante e sugestivo ensaio disponível para o público brasileiro. Os editores aproveitam desde já para agradecer a Lúcia Sá pela colaboração decisiva no processo de tradução.

Apresentação

Para além dos artigos mencionados, o dossiê conta ainda com uma entrevista a Lúcia Sá e a resenha de Benjamin Chaffin, da Universidade da Califórnia Santa Bárbara, ao livro de Patrícia Vieira *States of Grace: Utopia in Brazilian Culture* (SUNY Press, 2018).

O número inclui ainda, na secção “vária”, outros três artigos. Wallace Rodrigues, da Universidade Federal do Tocantins, examina imagens de instrumentos musicais indígenas encontradas na literatura de informação do século XVI ao XIX. Ana Carolina Negrão Berlim de Andrade, da Universidade Regional do Cariri, analisa minuciosamente as versões literária e fílmica de *Teorema*, ambas da autoria de Pier Paolo Pasolini. Por fim, André Luiz Gardesani, doutorando da Universidade Estadual Paulista, estuda a emergência do direito no romance *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe

Boas leituras!

*André Corrêa de Sá
Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Sérgio Paulo Guimarães de Sousa*